

# SARGENTO

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS

Director: Álvaro Martins • 0,75 € • Ano X • Novembro/Dezembro 2010 • Nº 76

## Centenário da República



Francisco Garcia Tereno,  
Francisco Lobo Pimentel,  
Firmino Rego,  
Laurino Vieira,  
Manuel da Conceição Silva,  
José Soares da Encarnação,  
Ernesto Joaquim Fink,  
Ernesto José dos Santos  
e Mathias dos Santos



## Os Bravos da Rotunda

**Medalha de Ouro de Mérito  
Municipal da Câmara de  
Vila Real concedida à ANS**



**Sargentos e Praças lutam  
pela defesa dos salários**



**23 de Nov.**

**Vigília junto à  
Residência 1.º Ministro  
a partir das 18H00**

**PELA DEFESA  
DO  
SALÁRIO**

# Os meninos da "bola de trapos"

No momento em que escrevemos este editorial, os portugueses são, há algumas semanas, alvo duma mega-chantagem ideológica/psicológica em torno da proposta de OE para 2011. Consiste, esta operação, em fazer crer aos portugueses da inevitabilidade das criminosas medidas de austeridade propostas pelo governo, no OE 2011, que agravarão brutalmente a vida de todos nós, lançando milhares no limiar da pobreza e da miséria.

Para tal procuram fazer crer que se a proposta for chumbada na A.R., Portugal passará por uma crise política de consequências dramáticas, e deste modo criar a angústia colectiva do passa ou não passa o orçamento, desviando assim as atenções das consequências, essas sim dramáticas, das medidas propostas.

A gravidade destas medidas é de tal monta, que numa situação de debate sereno e democrático em torno delas, seria razão mais do que suficiente para revoltar o mais pacífico e distraído dos cidadãos. Assim procura-se, ao invés, resigná-lo e submetê-lo aos interesses dos poderosos que, com a sua ganância desmedida, levaram grande parte do mundo a uma crise nunca vista, para que depois do OE aprovado, ainda batam palmas enquanto são conduzidos para o abismo.

Esta mega-chantagem foi meticulosamente preparada. Criou-se um cenário de desavenças insanáveis entre os partidos do "arco do poder" - PS, PSD e CDS - de forma a justificar a entrada em cena de banqueiros, administradores das grandes empresas beneficiárias da crise, políticos de organismos internacionais, comentadores - os mesmos de sempre - todos em uníssono a clamar hossanas às medidas propostas: - há que acalmar os "mercados" - repetem até à exaustão, como se estes não fossem os donos do dinheiro e os principais responsáveis e únicos beneficiários da crise.

A tudo deitaram mão desde a "eminência parda" mexicana - Sr. Gurria, da OCDE - que numa enunciação *hard-core* de fraca qualidade, veio a Portugal dizer o que o governo devia fazer, em conluio com o ministro Teixeira dos Santos. É caso para perguntar, com tanta sabedoria, como é que o México se encontra no 3.º Mundo!

E que dizer da "Ópera Bufa" protagonizada pelos anteriores Presidentes da República, com programa de grande audiência preparado em exclusivo, no mesmo dia em que eram laureados por uma universidade lisboeta, PARA CREDIBILIZAR O CENÁRIO?

Como não podia faltar, neste "baile mandado", entrou também o nável governador do Banco de Portugal, que, na ânsia de nos levar à resignação, afirmou "os banqueiros são os donos da bola" (sic), numa alusão a uma triste realidade dos meus tempos de meninice. Nesses tempos, de triste memória, só os meninos ricos tinham uma bola e por esse simples facto detinham o poder de escolher os melhores jogadores para a sua equipa, de marcar os livres, os cantos, os penaltis, abdicando por vezes dos lançamentos de linha lateral. Nestes jogos não havia árbitros, era o menino rico - o dono da bola - que determinava o que era falta, o que era golo e quando os outros meninos não aceitavam a sua decisão, o menino rico - o dono da bola - agarrava nela e ia-se embora.

umas vezes corria bem, mas outras havia que os meninos pobres farts da arrogância e prepotência do menino rico - o dono da bola - a uma só voz mandavam-no meter a bola num sítio que eu cá sei, mas não digo, apesar de me apetece, e continuavam o jogo, mesmo sem o dono da bola, com a sua artesanal "bola de trapos". Os dias passavam e o jogo lá continuava com a bola de trapos, agora com as regras leais dos meninos pobres. Como o menino rico - o dono da bola - não conseguia jogar sozinho, voltava com o rabinho entre as pernas disponibilizando de novo a bola mas aceitava a regra dos outros meninos.

Fique sabendo o governador do Banco de Portugal, todos os que com ele participam neste "baile mandado" e os senhores donos da bola, que chegará o momento de dizermos, com todas as forças que nos restarem, BASTA!

E nessa altura vamos todos para a rua, jogar com a nossa "BOLA DE TRAPOS".

# A AUSTERIDADE E O PEC III

## Socorro!!! Isto é um assalto!

As medidas de austeridade anunciadas pelo governo, e que fazem parte do OE para 2011, são um ataque frontal e sem precedentes aos funcionários e agentes do Estado, nos quais, nos militares, estes são incluídos.

Nestas medidas estão incluídos cortes nos vencimentos, cortes nos apoios sociais (subsídio de família), aumento do IRS através da diminuição das deduções específicas (habitação, saúde e ensino), aumento do IVA e dos medicamentos, aumento para 11,5% dos descontos para a CGA, aumento do IMI e IMT e de todas as taxas de prestação de serviços pelo estado.

O "Sargento" fez contas ao efeito da redução de salários e ao aumento em 11% no desconto para a CGA que apresentamos na quadro abaixo.

tendo-lhe o aumento para a CGA mais valores sobre para 71.296 e 180.416.

A estes valores temos que acrescentar o valor de abono de família que se recebe em 2010, o valor da redução da dedução específica, das deduções fiscais (habitação, saúde e ensino) que anualmente a generalidade dos nomes comenados recebe segundo do acordo do IRS e o aumento do IMI, todos valores a que não podemos escapar e muito menos contestar, isto é tudo segundo estamos em presença de uma redução necessária rendimento que atingiu valores entre os 300 e 900 € e julgamos não tão superior.

Esta brutal redução no rendimento mensal é agravada por aumentos nos



Posto	Posição Remuneratória	Nível	RBase 2010	SCM 2010	Total 2010	Redução Remuneração Bruta 2011	Total Bruto a receber 2011	Aumento 1% CGA	Redução Bruta total	
SMOR	P2	32	2.076,84	446,41	2.523,25	6,09%	153,72	2.369,53	25,23	178,95
	P1	29	1.922,37	415,51	2.337,88	5,31%	124,06	2.213,82	23,38	147,44
SCH	P3	28	1.870,88	405,22	2.276,10	5,02%	114,18	2.161,92	22,76	136,94
	P2	27	1.819,38	394,92	2.214,30	4,71%	104,29	2.110,01	22,14	126,43
SAJ	P1	26	1.767,89	384,62	2.152,51	4,39%	94,40	2.058,11	21,53	115,93
	P4	25	1.716,40	374,32	2.090,72	4,04%	84,52	2.006,20	20,91	105,42
SAJ	P3	24	1.664,91	364,02	2.028,93	3,68%	74,63	1.954,30	20,29	94,92
	P2	23	1.613,42	353,72	1.967,14	3,50%	64,75	1.899,29	19,67	84,52
15AR	P1	22	1.561,92	343,42	1.905,34	3,50%	64,69	1.838,65	19,05	85,74
	P4	21	1.510,43	333,12	1.843,55	3,50%	64,52	1.779,04	18,44	82,96
15AR	P3	20	1.458,94	322,82	1.781,77	3,50%	62,36	1.719,41	17,82	80,18
	P2	19	1.407,45	312,52	1.719,98	3,50%	60,20	1.659,78	17,20	77,40
25AR	P1	18	1.355,96	302,22	1.658,18	3,50%	58,04	1.600,15	16,58	74,62
	P2	17	1.304,46	291,92	1.596,38	3,50%	56,87	1.540,52	15,96	71,84
25AR	P1	16	1.252,97	281,62	1.534,59	3,50%	54,69	1.500,00	15,35	69,95
	P3	11	995,51	230,14	1.225,65	0,00%	0,00	1.225,65	12,26	12,26
SSAR/PUR	P2	10	944,02	219,84	1.163,86	0,00%	0,00	1.163,86	11,64	11,64
	P1	9	892,53	208,56	1.101,09	0,00%	0,00	1.101,09	11,02	11,02
25SAR/PUR	P1	7	782,54	188,96	971,49	0,00%	0,00	971,49	9,78	9,78

### Cálculo da redução:

a) 3,5% sobre o valor total das remunerações iguais ou superiores a 1.000€ e inferiores a 2.000€

b) 3,5% sobre o valor de 2.000€ acrescido de 0,5% sobre o valor da remuneração total que exceda os 2.000€ até 4.000€

c) 3,5% sobre o valor total das remunerações iguais ou superiores a 4.000€

d) Redução autónoma do IRS, a todos os subsídios, suplementos remuneratórios, gratificações e outras prestações pecuniárias sobre os quais não incide desconto para a CGA no caso a Seg. Social, com excepção do subsídio de refeição, gastos de custo, subsídios de transporte ou de membros de despensa nos termos do lei.

De deixar deste quadro podemos verificar que a redução dos nossos vencimentos brutos varia, de 2ª Sarg para SMOR, de 35,87% a 156,44% no vencimento-bruto, respectivamente, actuando

quando do aumento generalizado do custo de vida por força do aumento do IVA e da inflação e das taxas de juro das empréstimos à habitação, o que provocou que muitos centenas de militares fiquem numa situação económica

que não lhes permite corresponder os encargos anteriormente assumidos, envolvendo-os para uma situação no limite do mesmo direito do público.

Resolvi é resignação que nos prendemos impõe e lutar contra este assalto é

o caminho, o único caminho que temos para voltar. A única coisa inevitável que temos é a morte, por isso devemos nos preparar desde agora para lutar os alienados.

Socorro!!! Isto é um assalto!!

## Números assustadores

Segundo um relatório da «Towards Universal Access», da responsabilidade da Organização Mundial da Saúde, o número de pessoas infectadas com o VIH/SIDA a receber tratamento antiretroviral em países de rendimento médio e baixo aumentou de 1,2 milhões entre Dezembro de 2006 e Dezembro de 2008. Em Portugal, o número de pessoas que recebem tratamento aumentou de 12.336 para 18.117.

Do documento, alertam para o facto de *ser um tempo* nas pessoas que necessitam *sem cessar* a terapia anti-retroviral e que *o estigma, a discriminação e a marginalização social continuam a ser sentidas* distribuídas por vários infectados pelo VIH-1.

## A aprovação

O orçamento vai ser aprovado? Claro que vai. Não importa muito saber se este ou aquele partido vai votar contra, a favor ou abster-se. Tudo isto são irrelevantes bolonhas. O importante vai ser aprovado em primeiro de já está aprovado. Foi aprovado pelos vereadores, pelo Parlamento Municipal Internacional, pelas agências de rating, pela Comunidade Europeia, pelo Banco Central Europeu e pela senhora Merkel.

No Alentejo, Dr. Estrak - 22/10/2009.

## Escândalo nacional Benefícios à Banca

Os benefícios e apoios fiscais concedidos à banca permitirão que o sector pague menos do que o resto da sociedade em 2009.

Índice de um escândalo nacional que revela a natureza da política do Governo.

## Despesas militares cresceram em 2009

O total dos gastos militares municipais aumentou quase 6 por cento em 2009, segundo o Instituto de Estatística da Tria de Lisboa. Apesar de as medidas de austeridade em impostos pelos governos em 2009 e propostas para este ano não chegaram à Defesa, conclui Siqepi.

Os EUA tomam a dianteira como primeiro exportador mundial de armas e outros equipamentos militares. A este ritmo, o sector será a breve trecho o motor da economia norte-americana, segundo o Instituto, que exemplifica com as vendas recentes da administração Obama em 2008 os gastos com a Defesa cresceram 31 mil milhões de dólares face a 2007 e 100 mil milhões de face a 2009.

O total de norte-americanos crios empregos dependem directamente da Defesa superam os 5,9 milhões.

Quanto aos países que fazem parte do Conselho de Segurança da ONU, o Siqepi diz que desde 2000 não param de aumentar os respectivos gastos militares. A Europa segue esta tendência, com um aumento de 2,7 por cento em 2009.

## Vergonhoso

Os ramos continuam a não corrigir o valor do complexo orção de prestação aos militares na situação de reforma, como determina a Lei N.º 34/2008. As respostas dos ramos, as inúmeras exposições que lhes têm chegado, não clarificam nem assumem a dívida contraída.

A esse respeito, o MDN, quando confrontado pela ANS sobre esta situação, fica-se pelo NIM.

Quando toca a tirar aos militares as respectivas pensões e de concessão arcaicas, que não são a pagar a assinar... Este comportamento é vergonhoso, porque quando por qualquer motivo, mesmo por desconhecimento, os cidadãos se atrasam a pagar 6-litros aplicado de imediato juros de mora. Ora quando é o Estado a não cumprir a taxa é zero.

Assim não custa nada Vergonhoso!

# A Inevitabilidade

**V**olta não volta somos diariamente bombardeados por dotes três cégos (aqueles que talam e opitam sobre tudo) que, bem pagos, exortam-nos os chamados órgãos de comunicação social (já há quem considere mais apropriado chamá-los órgãos de toxicidade social) com o propósito de nos levarem a acreditar que as medidas tomadas, em preparação para serem tomadas, são inevitáveis, que não há volta a dar-lhe. É apertar e cara alegre, porque serão parece mal aos crederes, que ficam aborrecidos e ainda nos

levantam, para além do coiro também do cabelo, antes e depois.

No ano que corre, desde o pai, vi andam e andarão eles, como se fossem bruxos a advinhar as medidas que os «americanos» desejam que o governo, cotado, faça para eles acreditarem no País.

Primeiro surge um teólogo, professor ou coisa que o valia, apurado a velha mil e tova com se cria nova tova. Com ar sério e doutoral como convém para dar credibilidade (outro vocabulário que já anda em moda) ao pregão, depois vem o coro de galibolhas, ali-

ndadíssimo e sincronizado em todos os locais onde possam ser lidos, ouvidos, ou vistos e vistos, repetindo a várias vozes e tons: a inevitabilidade de nos sacrificarmos não agora, ainda vai ser pior amanhã para todos até aos nossos netos.

É pronto. Está o cenário montado, embora ainda possa levar mais um toque de requinte com um professor da estrada que dá verha debitar mais a rir e rir e repetir a receita, de preferência agravada em relação aquilo que o governo, e quem o governa e se governa à custa do embaixo, deseja implementar.

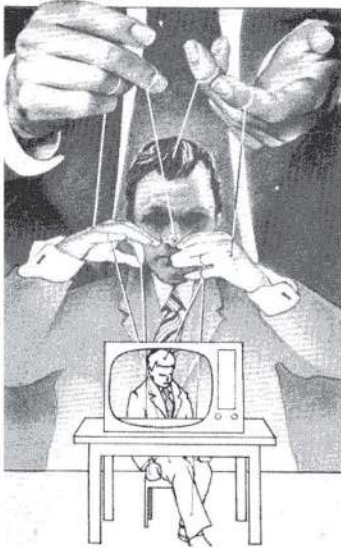
Podia dar-lhes para afirmar aquilo que todos sabemos que os meios de produzir muito mais e melhor para debaixo de que comprar lá fora o que podemos produzir cá dentro. Sendo esta uma inevitabilidade caseira, ao alcance de todos, não dá jeito aos senhores que pagam e mandam: nos teólogos, por isso não lhes dá para ai.

No entanto têm-se as velhas que se dizem, ninguém consegue viver gastando aquilo que não produz. Aqui vai um inevitável proverbio populário: *quero debito e de e cabro na tua, agraças tade liresse.*

É de facto como podem aqueles que têm transferido aos vários subsídios criados para desenvolver o país, em carros e segundas e terças vivendas, agora vivem de receber a produção? Se vierem e hipotecarem a capacidade produtiva do País em seu proveito, como poderia agora ser inevitável produzir?

Se vierem: riscos importantes da nossa soberania, não estamos a alimentar: é-lhes agora difícil defender perante aqueles a quem a venderem, os momentos que agora que nos põe e põem, um visto passivo no nosso argumento e na mão dos quais nos puseram a comer.

É claro que os teólogos, o bando de galibolhas e quem lhes paga não podem defender a inevitabilidade de se produzir cá dentro mais e melhor. Mas tal como dizia Galileu a propósito do movimento da Terra, dá zorra, também nós podemos afirmar com toda a segurança: aumentar a Produção Nacional é INEVITÁVEL! Já que eles não o dizem, embora o saibam.



# Marcar passo no posto, NÃO!

**A** ANS promoveu, no passado dia 30 de Setembro, em frente ao Ministério da Defesa Nacional, uma concentração que designou como "MARCAR PASSO NO POSTO, NÃO!"

A concentração que juntou várias dezenas de Sargentos tinha como objectivo denunciar junto da tutela o congelamento das carreiras dos Sargentos e a desigualdade de tratamento relativamente aos outros militares.

Dirigindo-se aos militares presentes o presidente da ANS, Lúcia Coe-

lho, denunciou haver sargentos nos primeiros postos da categoria (SAR e SAJ) com 14, 15 e 16 anos de permanência no posto, sendo que a esmagadora maioria permanece nestes postos toda a sua carreira.

Situação que só por si é um potencial factor de desmotivação, mas sobretudo cansados de uma grave injustiça, aumentada pelo actual sistema remuneratório que concentra estes militares nos mesmos posições sem ancceritárias eliminando a discriminação positiva que advinha da

antiguidade desde sempre, ou via das distâncias ou dos escalões.

O presidente da ANS escoteira os Sargentos e não cruzamos os braços. A combativos a noignação, a continuamos a sua justa luta pela defesa dos seus mais do que legítimos direitos.

Os ecos desta iniciativa ficaram-se sentir na tutela e passadas duas semanas assiste-se a um frenético trabalho administrativo nos ramos no sentido de rapidamente proceder a um conjunto lato de promoções durante o resto do ano em curso.

Apesar deste incentivo por acção associativa, sempre vale mais tarde do que nunca, o pior será a partir de Janeiro de 2011, ou seja quem não alenejar a promoção agora e caso as medidas propostas pelo governo no OE para 2011 veri a sua carreira militar ainda mais congelada do que até aqui.

A ANS assume que não baixará os braços e que promoverá todas as iniciativas possíveis para defender todos aqueles que agora não vêem feita justiça na sua carreira militar. **A**



Comemorações do 74º aniversário da  
"Revolta dos Marinheiros de 8 Setembro de 1936"

## Dia Nacional da Praça das Forças Armadas



No passado dia 11 de Setembro, o Clube de Praça da Armada e a Associação de Praças promoveram a comemoração nacional do 74º aniversário da Revolta dos Marinheiros de 8 de Setembro de 1936 – Dia Nacional da Praça.

A cerimónia foi presidida pela presidente da Câmara Municipal de Almada, Maria Emília Nieto de Sousa, e correu com a presença de destacados representantes institucionais, tais como o representante do Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos da Mar, representante do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, representantes de diversos grupos parlamentares, do poder autárquico, das associações representativas dos militares e forças de segurança, para



além das colectividades de cultura e recreio. Correu ainda com a presença do Comendador da Ordem da Liberdade José Barata, último sobrevivente dos acontecimentos do dia 8 de Setembro de 1936.

No decorrer da cerimónia pudemos ouvir alacções por parte do Comendador José Barata e pela presidente da Câmara Municipal, bem como intervenções dos presidentes do Clube de Praças da Armada e Associação de Praças.

A cerimónia contou também com a deposição de Flores junto do monumento ao Marinheiro Insubmisso, no Feijó (foto), em homenagem às praças, que participaram nas acções do dia 8 de Setembro de 1936, emretorno à fidei-delicção. ■

# Debate Público sobre "A Saúde Militar"

## REFORMAR NÃO É DESTRUIR! RACIONALIZAR NÃO É ENCERRAR!

**R**ealizou-se, no dia 21 de Setembro, no Hotel Maridul, em Lisboa, um Debate Público subvindo sob o tema "A Saúde Militar", uma iniciativa conjunta promovida pelas organizações ANS - Associação Nacional de Sargentos; ANMM - Associação Nacional dos Militantes da Marinha; ASPFM - Associação Sócio-Profissional da Polícia Marítima; AP - Associação dos Praças; COMML - Comissão de Militares.

No painel, como oradores, estiveram o Almirante Martins Guaretem, o Coronel Alves de Fraga e a vice-presidente do Conselho Directivo da Ordem dos Enfermeiros, Enfermeira Teresa Oliveira Marçal. Foi moderador o Dr. Francisco Posso Leitão.

Em Julho de 2010 as organizações promotoras do Debate reuniram-se pela primeira vez, para analisarem a reforma da Saúde Militar e as suas consequências na prestação dos cuidados de saúde para a Família Militar, tendo elaborado um comunicado em que afirmavam:

*"Não fazer sentido encerrar com o processo de encerramento de qualquer das Unidades Hospitalares existentes, sem a completa determinação do que e onde será o futuro Hospital das Forças Armadas."*

*"Que a concretização da Reforma da Saúde Militar, publicada no Despacho nº 30026/2010, de 16 de Junho, não seja substancialmente do que o realatório calculado de encerramento da Unidade Hospitalar de Santa Clara (antes denominado Hospital de Maridul)".*

A não explicação clara e objectiva dos propósitos que se pretendem alcançar com esta reforma levou as organizações promotoras a decidir levar a efeito várias acções de sensibilização da opinião pública e das diferentes tabelas, das quais destacamos, a conferência de imprensa realizada a 9 de Junho, a "Tribuna Pública" realizada no dia 21 de Julho no Largo de S. Domingos, onde ficou claro que os militares tinham bastos motivos para estar preocupados com a concretização da reforma. Preocupações que se agravaram pelo simples facto do governo não ter lido qualquer iniciativa no sentido de esclarecer os interessados ou as suas associações representativas sobre a bondade, caso exista, das suas intenções.

Estas as razões que levaram as organizações promotoras a realizarem este Debate Público, alargando o seu âmbito a personalidades de inequívoco relevo na vida pública e militar. É deste Debate que no presente documentamos dados e factos, invocando assim com o nosso contributo, de forma positiva e construtiva, do modo a que a tarefa reopõe substancialmente o alcance



desta reforma, para não se repetir os malefícios na Saúde Militar que ocorreram quando da criação da ADM comum.

Do debate retiraram-se as seguintes conclusões:

1. A reforma da Saúde Militar deve ser suspensa até que sejam concluídos os estudos em curso;
2. O governo deve explicar clara e objectivamente os propósitos específicos que pretende alcançar com esta reforma. Este é um requisito prévio de uma sociedade democrática. Até agora os objectivos apresentados são muito genéricos, pouco exactivos e até contraditórios com outras afirmações públicas;
3. Reconhecendo o governo que os hospitais militares cumprem, com eficiência, os elevados padrões NATO,

impõe-se a questão "porquê mudar?". Por norma, quando se muda o que está bem, obtém-se um resultado pior!

4. O Governo deve apresentar publicamente um estudo do impacto económico desta reforma, tanto mais que ela ocorre num período particularmente difícil no plano económico e financeiro do País;

5. Com o modo precipitado como está a ser implementada esta reforma, existe um perigo bem real de se perderem os elementos históricos e de carácter de processo individual de saúde dos enfermos;

6. As reformas só fazem sentido se os seus agentes e destinatários as entendem e nela em particular, não é perceptível nem para uns nem para outros, por muito esforço que façam;

7. Permanecem sérias dúvidas a pre-

ocupações relativamente à Saúde Militar Operacional, que terá de ser garantida em todas as unidades e instalações militares. Actualmente não se visitam boas medidas para colmatar as insuficiências de pessoal médico e de enfermeiros que já existem e se podem agravar com as medidas em curso.

8. Esta reforma, a ser aplicada, além de não dar resposta à dispersão territorial dos potenciais Utentes, não só do Hospital das Forças Armadas mas de todo o sistema de assistência na doença à família militar, ainda vem agravar as dificuldades de acesso dos que se encontram a distâncias maiores;

9. Describiremos se estão equacionados os custos da mobilidade e as necessidades de apoio logístico aos utentes que tenham necessidade de se deslocar ao referido hospital;

10. O funcionamento do Serviço Nacional de Saúde (SNS) tem provado que se tornam mais eficientes pequenas pilhas hospitalares, com válidas complementares entre elas, do que um grande centro hospitalar onde a aproveitamento dos recursos se torna bem mais complexo além dos benefícios em termos de proximidade aos utentes. Porquê agora esta reforma que contraria frontalmente estes critérios do SNS?

Desde debate, as organizações promotoras elaboraram um dossier contendo as intervenções dos oradores e uma síntese de conclusões, que foi entregue no MDN em 20 de Outubro. Posteriormente vai também ser enviada para os Grupos Parlamentares e Chefias Militares. ■

## ENCONTRO DE MILITARES

# Aprovadas formas de luta

**N**o dia 14 de Outubro, decorreu, na Casa do Alentejo, um Encontro de Militares, promovido pela Associação Nacional de Sargentos e Associação de Praças. Ao apelo destas associações sócio-profissionais responderam duas centenas de militares, entre os quais alguns oficiais na efectividade de serviço.

Este encontro tinha como objectivo analisar as consequências da aplicação do sistema retributivo, precisamente no dia em que fazia um ano após a sua publicação em Diário da República.

Nas intervenções de Lima Coelho e de Luís Reis ficaram claras as injustiças e discrepâncias provocadas pelo DL n.º 296/2009 de 14 de Outubro, bem como a enorme dificul-

dade na gestão deste regime remuneratório. Dificuldades, injustiças e discrepâncias, desde o conhecimento da ainda proposta de DL, denunciadas pelas associações que inclusivamente defenderam junto da tutela a sua não aprovação e mais tarde a suspensão da eficácia da entrada em vigor desta legislação.

Como não podia deixar de ser, na fase de debate, os presentes levantaram e analisaram as consequências das medidas de austeridade anunciadas pelo Governo e que fazem parte do OE para 2011: redução dos salários; aumento do desconto para a CGA; perda total do abono de família; aumento da taxa de IRS; diminuição da dedução específica no IRS; redução drástica nos reembolsos do IRS devidos aos ganhos com a habitação, saúde e educação;

aumento do IMI; aumento do IVA; aumento da inflação; aumento do custo dos bens de 1.ª necessidade, energia e transportes; etc., etc...

Foi com uma sala vibrante de determinação que o grito em uníssono de BASTA se fez ouvir e entusiasmadamente aprovada numa proposta apresentada pela mesa.

Esta proposta consiste num calendário de luta em defesa do rendimento mensal das famílias e contra o ROUBO em que consistem estas medidas de austeridade propostas pelo Governo, que a concretizarem-se lançarão no limiar da pobreza largas centenas de militares, que ficarão impedidos de corresponder aos encargos anteriormente assumidos.

Assim, e de acordo com a proposta aprovada unanimemente: no dia

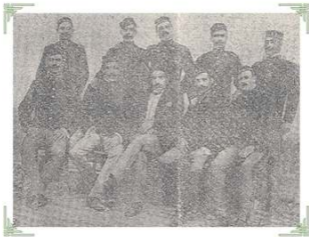
9 de Novembro realizou-se uma concentração junto ao MDN, denominada "MAGUSTO DO NOSSO DESCENTAMENTO"; no dia 23 de Novembro realizou-se a "VIGILIA" junto à residência oficial do Primeiro-Ministro e, no dia 24 de Novembro, os militares, a nível nacional, permanecerão nas suas unidades até às 19H00.

Após a aprovação da proposta Lima Coelho e Luís Reis, apelaram aos presentes para nas suas unidades mobilizarem os seus camaradas, combatendo a resignação, a estafada teoria de inevitabilidade, na defesa dos salários e das condições da vida das suas famílias.

O Encontro terminou com a sala a cantar o Hino Nacional de forma tão vibrante que fazia tremer a Casa do Alentejo. ■







Os 9 bravos e Machado dos Santos

## A ALVORADA DA REVOLUÇÃO

### Os 9 Bravos Sargentos da Rotunda

**B**atia nas torres da Estrela a uma da madrugada do dia 4 de Outubro, quando o Regimento de Infantaria 16 saiu do quartel, aos gritos de Viva a República, a caminho de Campolide para desafiar os seus camaradas de Artilharia 1. Dez minutos depois o portão de Artilharia 1 era arrombado e dos lados do rio ribombavam os canhões.

Para os lados de Alcântara, um estampido seco, como o de um tiro de pistola, cortara os ares. Era a Mariinha que secundava os seus camaradas de Infantaria 16 e Artilharia 1.

Poucas horas depois os marinheiros em Alcântara, os artilheiros e os soldados do 16 em Campo de Ourique, com vários grupos de civis, travam a primeira peleja com as forças fiéis à monarquia.

Os marinheiros em Alcântara cercados por todos os lados por forças inimigas tentam levar de assalto o Palácio Real. Não o conseguem. Retiram-se e vão para os navios "D. Carlos", "Adamastor" e "S. Rafael" que disparavam contra o Palácio das Necessidades.

Nessa mesma altura a Artilharia 1 e a Infantaria 16 encontravam-se cercados na Praça Marquês de Pombal e no alto do Parque Eduardo VII, apoiados no quartel de Campolide, formando o campo de batalha que a história eternizou de Rotunda.

As duas horas da tarde, o duelo de artilharia e as cargas de infantaria eram intensas, os boatos desoladores. A tristeza e a amargura envolvia a população da capital, a derrota dos republicanos parecia inevitável.

Ao cair da noite a esperança renasce, dizia-se vagamente que a realza



Militares e civis na Rotunda

bombardeada pelos navios fundeados no Tejo, fugira para parte incerta.

A brigada mista (força leal à monarquia), sob o comando da Divisão de Lisboa, era derrotada na sua tentativa de fechar o cerco à Rotunda pelos lados de Campolide e Sete Rios.

Mas foi de pouca dura o clarão de esperança. A noite caía, os riscos de fogo das granadas cruzavam-se no horizonte negro de S. Pedro de Alcântara. O combate não cessava.

Raiou a aurora, mas não a esperança do acampamento republicano na

Rotunda. No rio os marinheiros não estavam porém inactivos. Às oito da manhã do dia 5, avançava Avenida acima um mensageiro estrangeiro: ia propor um armistício.

Na manhã do dia 5 os oficiais reúnem em conselho e decidem abandonar a luta; em consequência desta decisão os sargentos do acampamento da Rotunda decidem, também, reunir o seu conselho e deliberam continuar a lutar e desafiam Machado dos Santos a tomar o comando. "Nós morremos aqui!" a corajosa e he-

róica decisão que mudou em definitivo o rumo aos acontecimentos, possibilitando a vitória republicana.

Para a história gravemos a letras de ouro o nome dos 9 bravos sargentos da Rotunda: Firmino Rego, Ernesto José dos Santos, José Soares da Encarnação, Francisco Alexandre Lobo Pimentel, Laurino Vieira, Ernesto Joaquim Feio, Francisco Garcia Tereno, Manuel da Conceição Silva e Mathias dos Santos.

Fonte: Jornal "O Intransigente", Director - A. Machado dos Santos &

# Abençoada crise

O título desta crónica poderia precisamente referir-se à actual situação, entendendo não «actual» pelos últimos séculos, em que aqueles que vêm detendo o poder económico, subjugando o poder político – mesmo ao arripio da Constituição da República, também por isso a pressa em voltar a alterá-la, se não pudermos entrar a definitivamente – bradam sem cessar «estamos em crise! é preciso apertar o cinto!», ao mesmo tempo que têm de mandar alargar as cilhas que lhes cingem as cinturas.

Ainda recentemente não foi difícil encontrar milhares de milhões de euros, de um dia para o outro, para acudir à banca, cotada, que só tem poucos milhões de euros de lucros por dia – lucros que deviam estar ao serviço do Estado Social e não a estragar a elegância e a estar a colar-se de meta-díxia de famílias, que fazem o favor de suportar esse tanto por todos nós.

Mas também, de um modo mais realista e, penso eu, mais importante, pode-se referir a importância da crise na evolução das sociedades e do crescimento humano em todos os domínios.

Partindo do princípio de que a tendência mais natural do homem como de tudo que conhecemos no universo, tende para o equilíbrio num estado de mínima energia, ou seja: para a tranquilidade e a quietude, poderemos desde logo tentar questionar este princípio e criar uma crise naquilo que temos por adquirido.

Sentado junto à margem esgarada do Sotom, assistindo a mais um marulho ibico da qual, reflicto sobre a calma e a pátida do sol, ferida amada pelas pátaras regressando ao acesso dos salgueiros e dos freixos, levadeiro uma vez pôzmo mais precipita ao curso do que a reflexão costeadia quando para ali me dirigi.

Tento ir mais longe e imagino-nos passados sobre o planeta terra, rodando sobre si próprio à velocidade angular de uma volta por dia; na latitude em que nos encontramos, corresponde a um raio superior a seis mil quilómetros, o que implica um perímetro pouco inferior a quarenta mil quilómetros. Ou seja, dividido por vinte e quatro horas dá cerca de mil e quinhentos quilómetros por hora de velocidade linear – e parece que estamos parados.

Porém se as adicionais vorticidades da velocidade orbital do planeta em torno da sua estrela, o Sol, certo e não mal, aumentam e dão quilómetros por hora, à qual tentamos de acrescentar a velocidade de rotação galáctica – certamente a que eu não me propenho, mas, para se ter uma ideia, nada sobre si mesma uma volta em dois duzentos e sessenta milhões de anos, mais perímetro que já ultrapassa a minha calculadora – conseguimos a ficar preocupados por andarmos a tão velocidades ser demasiado para nos podermos fazer nada.

Poderíamos ficar por aqui, como se



fossemos chegado a uma estação terminal do nosso percurso reflexivo, e, ainda que um pouco preocupados, descançásemos finalmente a cruzir o doce sibilar de um fim de tarde junto ao Sotom.

É aí aqui que surge a crise. Acumulemos, por favor, no raciocínio e quem nos dá a não que o universo conhecido – aquela esfera imaginária com um raio de cerca de treze e meio mil milhões de anos-luz, tubendo nós que a luz se desloca à velocidade de cerca de trezentos mil quilómetros por segundo) que incide a sua expansão aos primeiros albeos universais, desde o Big Bang, até aos dias de hoje – não se move ele próprio em conjunto a uma velocidade linear, numa direcção e sentido indefiníveis, também por falta de referências, pelo universo infinito?

E, admitindo essa hipótese, e dando como certo que tudo o que conhecemos teria começado no tal Big Bang, porque não admitir que poderás, nesse espaço infinito e multidimensional, está a ocorrer a todo o momento outros nascimentos de universos por cada Big Bang? E, admitindo tal, porque não admitir também a possibilidade de se dia vintões a chocar com outro desses universos finitos «vixinhos», mesmo que passados, o que é muito improvável, pela sua simples existência?

Nesta perspectiva, o que tinhamos adquirido como sendo uma estação terminal, já não chega sequer a ser um apeadeiro, e ainda nem que-

tionamos o tal Big Bang. Não interrogamos sobre como teria ocorrido a concentração de todo a matéria num único ponto que teria explodido a seguir? Nem sobre o que teria ocorrido no espaço infinito, desde desse momento para trás, deslocando o raciocínio pelo tempo infinito, e descobrindo que afinal não há um princípio, nesse sentido amplo e lato do tempo, mesmo considerando-o simplesmente linear. Para crise já basta as poucas questões que interrogamos, esperando não vos ter estragado a tranquilidade do vosso fim de tarde a ler o nosso jornal, O Sargento.

Também nas crónicas humanas, onde se inserem os políticos, por vezes nos agrupam a chegada a uma estação terminal, como se o percurso humano fosse susceptível de ser encarralado nas estreitas faixas onde tira profitas o governo acomoda.

Uns vezes agrupam o fim das ideologias, como se tal pregão, em si próprio, não fosse uma ideologia. Outros vêm como o fim da história, tal como com a inevitabilidade dos sacrifícios para resolver a crise, de modo a fazer nos resignar perante tais profecias, e acerta, matematicamente, a vontade dos que alargam todos os dias a cilha que lhes cinge a cintura, na mesma proporção que nos forçam a apertar as estranguladas botas.

Estes simulacros de apadeiros transfigurados em estações terminais nunca resistem, quando alguém de entre nós, mesmo adormecido pela

intoxicação imposta pela ideologia e cultura dominante, altera inconformado: se é esta a estação terminal desse caminho, não é onde eu desatava chegar, portanto vou desbravando mais caminho até esse abençoado lugar! É pronto, está novamente imposta a crise.

É abençoada crise que não nos deixa resignar conformados com a sorte que alguém decidiu ser a nossa. Tal vez seja esse um dos motivos da nossa ANS, desde da sua fase fundadora até aos dias de hoje tem desbravado e construído caminho, na maior parte dos traços em terreno muito agreste, árido e espinhoso; também por isso, devemos pagar com todas as nossas forças e meios para dar novo alento ao projecto de Lei de AMNISTIA para todos os que foram injustamente punidos pela actividade associativa, por desbravarem caminho e não acortando a negação do direito constitucional ao associativismo socioprofissional como sendo uma estação terminal.

Isto é mais um traço de caminho que estamos a desbravar, em terreno muito próximo. Mas, mais uma vez venceremos, porque temos muito e determinação para não desistir, para não nos resignarmos com a injustiça!

## 24.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE DE SARGENTOS DA FORÇA AÉREA

**T**erve lagat, no passado dia 2 de Outubro, nos instalações do CAS-Lisboa (antiga Cooperativa Militar) o almoço comemorativo do 24.º aniversário do Clube de Sargentos da Força Aérea. Por iniciativa de um grupo de sócios fundadores e dirigentes foi feito convidar ao presidente da Direcção do ANS, Luís Coelho, para estar presente no evento, para além de poder fazer na sua qualidade de associado da parte chefe de classe.

No período das intervenções em que sócios fundadores, o Sargento-Chefe Armando Faria, abordou o 24.º aniversário do Clube, no esquadramento do Centro da República e do clima de instabilidade em que vivemos.

Antes de iniciar a leitura da sua intervenção entendemos fazer uma pública "lombreira" que passamos a transcrever na íntegra:

*"No confronto com a língua dos acontecimentos atuais, é bem verdade termos deitado de dizer bem dos outros, das grandes das honras e maiores que se verificaram em benefício de toda a sociedade, visando criar condições para que cada cidadão possa desfrutar dos direitos e das liberdades ao mesmo nível de sociedade e do Estado. De tão dizer e que achamos de bem deles, do trabalho deles, do esforço deles.*

*Passam os dias, os anos, tanto tempo e tanto esforço, sem nos dedicarmos uma única palavra de "compromisso" pelo trabalho feito. Palavras certas, justas, para aqueles que pelo seu perfil e qualidade, coragem e corroboração exemplares em que defendem um projecto de sociedade que possam ser operantes e cultos, abrangem todos, todos os quadros públicos, a fazer os contrastes ao reconhecimento andarem dessas qualidades excepcionais.*

*Não preciso aqui distinguir o indivíduo pessoal, mas o porte de um dos homens que verdadeiramente têm consciência de seu papel político, da sua função pública nacional e militar, realmente patriótica, com*

*uma lábia de obra made a sua prática é sempre colectiva, digna do famoso ritual de Sargento.*

*Estou, dizendo assim, a pensar em Luís Coelho, um homem de profunda honestidade, tendo como traços marcantes da sua personalidade, a cordialidade, a firmeza com que defende as suas ideias e os camaradas de armas.*

*A saúde da Democracia oudo vivemos, depende cada vez mais do disposto com a humildade graciosa de Honras e Sargentos Luís Coelho.*

*Tomemos o exemplo dele porque a combatividade é árdua e exigente, mas não apertadamente "ácidos" a combativo!*

*« O outro que importa aqui citar pela sua prática revolucionária, que é a melhor escola do comportamento e do carácter, pela sua obra de agitação de carácter histórico, a sua luta, esforço e prontidão para o sacrifício pelos interesses gerais. Tudo isto aconteceu diante dos nossos olhos, aqui que aqui seja lembrado. E é aqueles que entendem estes homens e mulheres que cumpre a lombreira, o reconhecimento e o reconhecimento público.*

*Estamos a falar de um daqueles que, com coragem, persistência, sacrifício e abnegação, trataram uma luta tenaz contra a arbitrariedade jurídica que feriu certos homens e mulheres os seus libertadores, Honras e Mulheres que foram levando a serra que lutaram de fer bratos em 25 de Abril de 1974, o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa.*

*O seu exemplo dá-nos o caminho para todos os homens fraternos visíveis por objetivos comuns. Por isso lhe cobramos graças e aqui recordamos com respeito e reconhecimento, pela sua clarividência pública e força moral, e Honras que se torna tríplice e que trabalhar a luta por bem comum. Graças, José Rolim!*

*Armando Faria deu então início à leitura da sua intervenção, da qual destacamos algumas passagens:*

*"Nas momentos em que passamos com anos sobre a Revolução Republicana de*



*1974, data importante na longa caminhada da povo português, é natural que os Sargentos assomem plenamente estas comemorações, sentindo-as como suas e vivendo nelas o sentido de 31 de Janeiro, as conquistas e os projectos que, mais tarde, Abril veio reafirmar e ampliar.*

*«... Hoje, comemoramos o passado, é necessário lembrar o presente.*

*Nestes 31 anos de liberdade e democracia que o Movimento das Forças Armadas nos trouxe em 25 de Abril de 1974, reafirmamos que a vida dos militares, dos Sargentos, muito pouco tem mudado para a frente. Verificamos que a imagem da sua função na sociedade tem sido vivamente desvirtuada.*

*As Forças Armadas vêm pagando pela cidade o seu dia pela Revolução Democrática de Abril.*

*Os governos têm criado graças problemas de perda de direitos e de garantias, nalguns casos até para a Classe de Sargentos.*

*Vivemos as discriminações e as injustiças.*

*Os problemas de carreiras, funções, de justiça militar, sociais e de saúde, e outros.*

*Têm-se sucedido desfeitos sobre desfeitos, social e económico, dos cidadãos militares e civis, ainda cá não digo, muito embora os militares, os sargentos portugueses, partilham com eles as mesmas ideias e propósitos solidários de alta exigência.*

*«... Apesar que se vive é ilustrada pela não se frustrado pela tradição que combatem a relativa despersonalização dos portugueses que vivem no 25 de Abril uma porta de esperança. Os ataques à República são feitos e correm a identidade da Democracia.*

*«... De passado tem a grande obra iniciada em 31 de Janeiro, realizada em 5 de Outubro, amplada em 25 de Abril.*

*Os militares, os Sargentos, sabem que a República não é um regime político entre outros. É um ideal e um combate!*

*Terminou a sua intervenção com um "Viva a República Portuguesa Democrática!"*

## 5 de Outubro no Porto

**O** Clube de Sargentos do Exército participou na sessão comemorativa do 5 de Outubro, no Porto, representado por Aparício Santos, de cuja intervenção transcrevemos a seguir extractos.

"Foram intervenções do Porto, acompanhadas por militares de baixa patente, onde se destacaram muitos sargentos e praças, que em 31 de Janeiro de 1974 tentaram implantar a República em Portugal.

Não morou o, daí, os seus intervenientes, vencidos e condenados ao

exílio, degredo e elevadas penas de prisão.

A Monarquia foi responsável pelas profundas desigualdades e injustiças sociais no País, razões que obrigaram o apoio ao seu derrube.

Com a implantação da República esse revolução que está originou tais injustiças, gerando uma dinâmica na sociedade que obtinham as desigualdades, dando origem a sociedade justa e fraterna.

Um século passado, sobre a chegada da República somos confrontados com

a submissão do País a dígitos financeiros internacionais para evitar a bancarrota, tudo semelhante ao quadro existente em 1981.

Em 25 de Abril de 1974, e mais tarde com a integração europeia, o País sobe a um patamar de desenvolvimento que nos aproxima das potências mais avançadas da comunidade.

As transformações operadas em Portugal foram vivenciadas por dirigentes por o alcatão, deturpando o ensino e a formação profissional em posição secundária, razões que hoje justificam

a baixa produção, o que, aliado à preparação dos empresários, nos classificam como o parente pobre da comunidade.

Esperamos que os democratas republicanos não fagor para combater e corrigir os males do atono e as desigualdades sociais, terminando com o clientelismo e a corrupção, que são razões do divórcio de Porto em relação ao poder político.

Viva a República!  
Viva Portugal! ■

# Encontro de marinheiros e amigos com o Comandante Costa Santos

Um conjunto de marinheiros, oficiais, sargentos e praças, das mais variadas patentes, no encontro que se comemora a aniversária do centésimo da República, e o Comandante Vasco da Costa Santos por fazer 90 anos de vida, decidiram realizar um encontro de marinheiros e amigos com o distinto republicano, democrata e resistente anti-fascista, na Voz do Operário, no dia 25 de Setembro, com um almoço de confraternização, que reúnia centenas e centenas de pessoas.

## INFORMAÇÃO BIAGRÁFICA

- Nascera a 8 de Dezembro de 1920, em Benfica, Lisboa.
- Fez exame e foi admitido na Faculdade de Ciências de Lisboa (antiga Escola Politécnica), no ano de 1937, matriculando-se no curso de Engenharia Gráfica.
- Em fim do ano lectivo 1938/39, tendo concluído as cadeiras obrigatórias para o concurso à Escola Naval, fez exame do admissão, sendo alottado



no Corpo de Alamos no dia 15 de Setembro de 1939.

- Frequenta o Curso Naval de Guerra em 1940/61, ainda em 1941 frequenta o NCSO.

## DEMOCRATA, COMBATENTE E RESISTENTE ANTI-FASCISTA

- Passado compulsivamente à situação de reforma, por aplicação de decreto assinado pelo Presidente do Conselho António Oliveira Salazar, em Março de 1962.
- Reintegrado no situação de activo após a Revolução de 25 de Abril de 1974, por decreto do Conselho da Revolução, sendo promovido a CMG com a antiguidade 1-3-1973, sendo nomeado pelo Conselho da Revolução para integrar o órgão directivo da "Casa das Pescas".
- Em Junho de 1975 é nomeado pelo CEMA para assumir o comando do "Comando Naval do Continente".
- Na sequência do golpe contra-revolucionário do 25 de Novembro de 1975, é-lhe dada ordem de prisão a 27/28 de Novembro e posto em Santarém e depois nos Fortes de Caselas e

de Casias, até Fev/Mar de 1976.

- Participa no levante revolucionário matado de 12 de Março de 1976, conhecida por "Barrida da 5ª".
- Em Maio de 1976, é detido, a instigação da PIDE, no depósito de material de moinos e torpedos, nas instalações da Marinha na Arribinha, onde permaneceu 1 ano.
- Julgado em Junho de 1980 e libertado após 1 ano e 3 meses de prisão.
- É colocado no Faial, como capitão do porto da Horta, em Agosto de 1981.
- Tendo pedido autorização para se apresentar, nas listas da oposição, às "eleições" de 1981, foi-lhe negada autorização e mandando recolher a Lisboa onde foi instaurados um auto de averiguações, que teve o despacho de que nada haveria a observar do ponto de vista disciplinar, havendo contudo questões de carácter político que caberia ao Conselho de Ministros ponderar-se. Estava feita a vontade à PIDE. Segue-se a passagem compulsiva à situação de Reforma, por decisão da Presidente do Conselho, A. Salazar, a

# SMOR/MMA Daniel Gomes

## Homenagem póstuma na Base Aérea N.º 6

O Sargento da Base Aérea N.º 6, Moirão, prestou homenagem ao Sargento-Mor, Medição de Material Aéreo, Daniel Gomes, falecido na base em Fevereiro de 2005. A cerimónia decorreu no Clube de Sargentos da BA6 e contou com a colaboração e presença do digníssimo Comandante da BA6, Sr. Coronel/Pilaz Carlos Alves, que concordou desde logo com a iniciativa, os Srs. Comandantes do G.O., G.A., Comandante da Esquadra 751, convidados militares e civis da unidade.

A homenagem teve início com a visualização de um pequeno vídeo onde se pretendia mostrar o espólio do falecido Daniel Gomes e que foi amplamente congado.

Após um pequeno discurso, o SMOR/Melhor Patão, juntamente com o Sr. Comandante COR/PILAZ Carlos Alves desceram um quadro, com uma fotomontagem, composta pelos dois helicópteros (Aluarte III e Puma - onde foi Medição de Bordo) e por uma fotografia do SMOR/MMA Daniel Gomes.

A iniciativa pretendeu homenagear um militar que tanto deu ao Clube de Sargentos da BA6, assim como à FAJ,

pelo seu altruísmo e dedicação que sempre colocou nas suas acções.

Matão do que o Clube de Sargentos da BA6 é hoje, a si e o dever. Por tudo o que fez mereceu esta justa Homenagem.

## Dados biográficos

DANIEL DA SILVA GOMES  
SMOR/MMA 014401 - D  
(26-05-1951 A 28-02-2005)

Nascera em 26 de Maio de 1951, na freguesia da Glória, em Aveiro.

Em 16 de Setembro de 1971 ingressou na Força Aérea Portuguesa, na Base Aérea N.º 2, na Ota, onde fez a recruta.

1972 - Na BA2, frequentou o curso de praças para medição de material aéreo. Após o curso foi colocado na Base Aérea N.º 4.

1973 - Colocado em Luanda - Angola, na BA9, onde permaneceu até 1975, um dos últimos militares a abandonar Angola.

1975 - Em Novembro, foi colocado na Base Aérea N.º 6 - Moirão.

1978/1980 - Frequentou o curso de sargentos do Q.P.



## Progressão:

- FUR 01-08-1980 a 01-08-1982
- 25AR 01-08-1982 a 01-08-1985
- ISAR 01-08-1985 a 01-01-1990
- SAJ 01-01-1990 a 04-02-2000
- SCh 04-02-2000 a 09-08-2004
- SMOB 09-08-2004

## Qualificações:

- Medição-qualificado em F-94 Thunderjet, AL III, SA-330 Puma e EH-119 Merlin;

- Medição de bordo do SA-330 Puma, entre 1981 e 1990;

- Frequentou o curso de promoção a sargento-chefe entre Setembro de 1998 e Julho de 1999;

2004 - Em 9 de Agosto é promovido a Sargento-Mor.

## Condições e louvores

- Medalha de Ouro de Valor Militar (COL);
- Medalha de Ouro Serviços Distintos (COL);
- Medalha de Prata Comportamento Exemplar;
- Medalha Mérito Militar 3.ª Classe;
- Louvores - 9 (6 colectivos e 6 individuais);
- Último Louvor a título Póstumo, Faleceu na Base Aérea N.º 6 a 28 de Fevereiro de 2005.

Homenagem dos Sargentos da Base Aérea N.º 6, em 16 de Setembro de 2010.

Por tudo o que deu à família militar, Clube de Sargentos da BA6 e aos Sargentos que descaem em paz.

SMOR/MELHOR Patão 4

# O rol

A maioria de nós recorda-se do rol das dívidas, das velhas listas de rua ou de bairro. Um livro, normalmente de capa preta ou cinzenta, pastado, de folhas com cantos soltos, de um dedo ou ir abridor, onde os mercenários e outros comerciantes, registavam os produtos vendidos aos fregueses.

Os antigos estabeleciam-se ou que pagavam logo que recebiam a fatura, e os que mudavam de loja e iniciavam novo rol, devendo um «rol» a ladrão de onde tinham saído. Assim os comerciantes iam formando uma lista negra dos caloteiros e uma lista branca dos caloteiros e uma lista, digamos que branca, dos que respeitavam os compromissos e pagavam logo que podiam.

Tudo isto é escala da rua ou do bairro, claro.

As mesmas subdivisões destas listas da caloteira, pelo menos ao nível internacional e dos Estados, nunca tinha entrado pelos templos nas palavras «significação de rating». Sabemos hoje que são uma espécie de lista negra dos caloteiros internacionais, classificadas por letras maiúsculas e minúsculas ordenadas por ordem decrescente, à medida que a hipótese de pagarem é menos provável. (Digamos que um caloteiro AA, já é caloteiro mas ainda está quase na lista branca.)

Por isso nem sequer fizemos a ligação destas agências ao rol das nossas antigas lojas, nem supusemos que, afinal, em nossos tempos, uma série de actuais e antigos banqueiros, ministros, primeiros-ministros, presidentes da República e outros que tal, foram acumulando dívidas externas sem cumprir os compromissos assumidos, e que, sem o sabermos, passámos para a lista negra dos caloteiros internacionais.



David Pereira

(Deviam estar presos, ou a prestar contas na justiça, mas ei-los, como virgens inoculadas, a proterarem sobre os meios de se pagar a dívida que pela calada foram acumulando em nosso nome, fazendo-nos crer que tudo estaria bem e que podíamos continuar a fazer a vida que fazíamos, pois em caso de grande dificuldade, agora os amigos europeus, haveriam de nos safar de qualquer aperto. Como se gastar o que não temos fosse coisa normal e possível.)

Bonito serviço, sim senhor.

É isto tendo a maioria de nós cumprido sempre com o pagamento a tempo e horas dos impostos, contribuições, taxas e demais espelhações a que os nossos salários são sujeitos.

Em contrapartida, os banqueiros e quejandos, com acesso privilegiado ao crédito internacional, que pela calada foram construindo três sacovins de graxas lábas (effluvia (-)), onde acumulavam riquezas monstruosas, fugiram ao fisco e fizeram desfalques que agora os fiscais que deviam estar a prestar contas à justiça, exigem que sejam todos a pagar.

Porque a responsabilidade é de todos, dizem com descaço.

A responsabilidade dos que de boa fé acreditaram que os mecanismos preventivos do Estado estavam a funcionar, têm a mesma responsabilidade daqueles que, ocupando os cargos que ao longo de 35 anos deviam promover essa função, não o fizeram e deram cobertura, por acção ou omissão, a toda a tráfalho, colocando-os na lista negra da caloteira.

Mais uma vergonha, para quem a tem claro. E produto que eles, caloteiros profissionais, não gastam!

## PEC III antecessor do PEC IV

Tal como a ANS alertou em comunicado, a crise é como uma carga terrada no nosso navio, alimentando-se do sangue das nossas famílias, e que dum há já algumas centenas de anos. As medidas que o Governo pretende tomar, com a apoio fingidamente envergado dos outros partidos do "Arco do Poder", como bem diz o jornalista Oscar de Mascarenhas, não só não resolverão os graves problemas estruturais do País como os agravam aprofundando ainda mais os seus défices, orçamental e das balanças externas.

As medidas que o tal "Arco do Poder" que forma, diuendo um mala e os restantes esbala, equiparam-se às daqueles que, envolvidos, continuam novas dívidas para pagarem os primeiros, dando como fuderes os pais que já não têm anís e logo ficardo sem



os dedos.

Neste caso os fuderes somos nós. Veja-se os casos dos BCE, EFN e BPP. Quantos accionistas de referência, daqueles que levaram os bancos à situação de pré-falência, construíram recursos de luxo em Cabo Verde e demais paraísos, onde aguardam pela demorada justiça (pode ser que expire o prazo) e levantaram os chorados depósitos antes de rebentar a berradeira (fala-se de jatos superiores a 100%, mesmo de alto membros da hierarquia do Estado), perguntávamos, quantos pagaram e quanto? Ou só são accionistas (donos) para receberem juros, e quando a coisa dá pau o berto pagam os fuderes à longa, ou seja nós, o Povo?

Das coisas que o Governo declara já sabemos, claramente subidos, quanto querem sacar dos nossos bolsos com

as reduções dos vencimentos, subida de todos os impostos e dos descontos obrigatórios para a CGA, ADM, etc., diminuição das prestações sociais (salários das famílias...), e o que mais ainda não foi declarado, mas ainda não sabemos quanto vão os responsáveis pelos desastrosos financeiros vão pagar.

Uma coisa que temos certa: hoje, tal como em 2005, se nos rendermos sem luta não tãda nada está ali nesse PEC o IV da ordem, mas se desta vez também lutarmos, juntarmos as nossas forças às de todos os outros que insistem e não se rendem, então o pessoal do "Arco do Poder" terá de ocupar o País brã de mudar de curso, pelo menos produzindo mais daquilo que queremos para não termos de comprar lá fora com o dinheiro que eles já de cá levaram e, por isso, não temos. ■

## Actividade ASSOCIATIVA

Conforme referidos na anterior edição do jornal "O Sargento", as nossas preocupações não se esgotam na complicada situação da Saúde Militar. Nem podem esgotar-se nesse tema, face às arcaicas medidas governamentais que irão agravar seriamente as já de si difíceis condições de vida dos militares Sargentos e de suas famílias em todos os aspectos, sociais, profissionais e familiares.

Como já o fizemos no passado, urge defender a Condição Militar, as Leis e a Constituição da República, e os valores e princípios democráticos.

Apresentamos de seguida um breve resumo do que tem sido a actividade associativa, (numa altura em que se comemora o Centenário da República, ocasião em que foi reconhecida a ANS), actividades a que se acrescentam as necessárias reuniões de Comissões Permanentes de Ramo, de Secretariado, de Órgãos Sociais ou de Direcção.

20 JUL - Reunião entre ANS, ANMM, ASPTM, AP e COMIL no sede da ANS;

21 JUL - Inicialista conjunta "Tribuna Pública Sobre a Saúde Militar" no Largo de S. Domingos, em Lisboa;

26 JUL - Almoço com Sargentos da Madeira, em Alentejo;

27 JUL - Jantar com Sargentos do CPSC da FAP, no Carregado;

18 AGO - Reunião entre ANS, ANMM, ASPTM, AP e COMIL no sede da ANS;

30 SET - Corrijo para apresentação de candidatura a PR do Francisco Lopes, no Hotel Atlas, em Lisboa. ANS representada por L.Coelho, J.Pereira, A.Tavira e A.Martins;

12 SET - Cerimónia da aniversário da ANCU, em Torres Vedras. ANS representada por D.Ferreira;

17 SET - Entrega de ÓCulo, por uma delegação da ANS e Controladores de Tráfego-Aéreo constituída por L.Coelho, P.Cortezas e C.Barranco;

17 SET - Cerimónia do 4.º aniversário do jornal "SOL", em Lisboa. ANS representada por L.Coelho;

21 SET - Inicialista conjunta ANS, ANMM, ASPTM, AP e COMIL "Debate Público sobre a Saúde Militar", no



Inicialista realizada em frente ao MDN, denominada "Operação Marcar Passo no Posto, NÃO!!!"



Delegação que procedeu à entrega no MDN das conclusões do debate "A Saúde Militar"

Hotel Mundial, em Lisboa; 23 SET - Almoço no CSA com autor do livro "Homem Ferro", o SMOR Pinos da Silva, ANS representada por L.Coelho;

25 SET - Encontro de amigos em homenagem ao Comandante Costa Santos, no Nazar do Operário, em Lisboa. Delegação da ANS composta por L.Coelho, D.Pereira, I.Bagalhão e A.Martins;

30 SET - Inicialista realizada em frente ao MDN, denominada "Operação Marcar Passo no Posto, NÃO!!!";

3+4 OUT - Reunião de Direcção da EUROMIL, em Madrid;

4 OUT - Reunião/Debate da EUROMIL e ALUME com deputados espanhóis. Em ambos

os eventos, ANS representada por L.Coelho;

5 OUT - Condecoração da ANS pela CM Vila Real, com a medalha de Mérito Municipal, Giza Oates. Delegação da ANS apresenta a cerimónia composta por L.Coelho, J.Pereira, J.Mota, A.Nabais, J.Castro, Nóbrega, G.Moura, V.Fernandes, B.Machado e P.Ferreira;

7 OUT - Jantar com Sargentos do CPSC da FAP, no Ouz;

12 OUT - Reunião com o DGRPM/MDN. Delegação da ANS composta por L.Coelho, P.Cortezas;

15 OUT - Reunião com o SEDNAM. Delegação da ANS composta por L.Coelho, M.Ramos, J.Gonçalves;

14 OUT - Inicialista conjun-

ta ANS/AP sobre as distorções, injustiças e ilegalidades do sistema remuneratório, no primeiro aniversário da sua publicação, na Casa do Alentejo, em Lisboa;

16 OUT - Cerimónia comemorativa do 18.º aniversário da AGRFA. ANS representada por L.Coelho;

20 OUT - Entrega de documento final resultante do Debate Sobre a Saúde Militar, no gabinete do MDN, por uma delegação constituída por representantes das organizações promotoras. ANS representada por A.Tavira;

23 OUT - Almoço comemorativo do 70.º aniversário do Almirante Martins Guerreiro. ANS representada por L.Coelho e A.Martins;

25 OUT - Anúncio com o SEDNAM para apresentação das medidas do Projecto de OE. Delegação da ANS composta por L.Coelho, M.Ramos e J.Gonçalves;

26 OUT - Jantar nas Caldas da Rainha com Sargentos do Curso de Promoção a Sargento-Chefe, do Exército. ANS representada por L.Coelho, M.Ramos e J.Pereira;

28+30 OUT - 102.º Presidência da EUROMIL em Bruxelas. Delegação da EUROMIL composta por L.Coelho e P.Cortezas;

A hora do fecho desta edição estava em preparação diversas actividades e iniciativas, necessárias e urgentes, face ao anunciado ataque desferido pelo governo às condições sociais, laborais, profissionais e familiares, das quais destacamos a concentração em frente ao MDN no próximo dia 9 de Novembro a partir das 18H00, a Vigília a realizar junto da residência oficial do Primeiro-Ministro, em São Bento, no próximo dia 23 de Novembro, a partir das 18H00 e a permanência nas unidades militares a levar a efeito no próximo dia 24 de Novembro, em todas as unidades militares do País.

Destas actividades e iniciativas, e de outras que se venham a realizar, vos daremos conta em próxima edição do nosso jornal "O Sargento".

# Eleições para os Órgãos Sociais da ANS

Os Órgãos Sociais que vão dirigir a ANS – Associação Nacional de Sargentos, no biénio 2011/2012, serão eleitos no próximo dia 29 de Janeiro de 2011, aquando das comemorações do Dia Nacional do Sargento.

De acordo com o Regulamento Interno da ANS, os associados que pretendam apresentar listas concorrentes a este acto eleitoral, terão que o fazer apresentando a composição da lista, bem como os sócios propostos da mesma, à mesa da Assembleia Geral até ao próximo dia 10 de Janeiro.

A Mesa da Assembleia Geral apeta a todos os associados para que se empenhem neste acto fundamental da nossa vida associativa, lembrando que o engrandecimento e o dinamismo de uma associação depende exclusivamente do empenho dos seus associados, e a ANS não foge a esta regra.

Regista-se que as listas e as candidaturas de quem obedecer ao determinado no art. 6.º dos Estatutos e no art. 28.º do Regulamento Interno da ANS que se transcreve:

## Artigo 6.º (Mesa da Assembleia Geral) (Estatutos da ANS)

1. Todos os Órgãos Sociais, previstos nos presentes estatutos, serão eleitos na base de listas integradas por Sargentos dos três Ramos das Forças Armadas, de modo a respeitar o princípio de proporcionalidade dos Ramos na Representação Social.

2. O mandato dos Órgãos Sociais é de dois anos.

## Artigo 28.º

### CANDIDATURAS (Regulamento Interno da ANS)

1. As candidaturas serão entregues à Mesa da Assembleia Geral, até 20 (vinte) dias antes do acto eleitoral.

2. Cada lista de candidatura conterá



a designação dos membros a eleger com:

a) Identificação dos seus componentes (nome, idade, categoria, ramo, local onde presta serviço, e número

de associação).

b) Indicação do órgão e cargo a que se candidata.

c) Identificação dos dois representantes da lista.

3. As listas de candidatura terão que ser subscritas por, pelo menos, 100 (cem) associados, com indicação de nome legível, assinatura, ramo a que pertence e número de sócio.

4. As listas são consideradas quando apresentem candidatos a todos os órgãos sociais.

5. Cada candidato só pode apresentar-se numa lista de candidatura.

6. As listas são aceites ou rejeitadas em bloco.

A nossa UNIDADE é fundamental!

Por uma associação cada vez mais forte e participativa na defesa dos Sargentos de Portugal!

Colabora empenhadamente na vida da nossa ANS!

## Treinador do Entroncamento no 8.º Open de Jerusalém em Taekwondo

Realizou-se, no passado dia 17 de Outubro, o 8.º Open de Jerusalém em Taekwondo. O treinador de Taekwondo do Grupo Recreativo 1.º de Outubro de 1911 "Parafuso" - Entroncamento, Raul Cipriano, esteve presente no evento, representando o clube ABC de Braga. Esta presença teve algo de inédito, pois foi a primeira vez que um treinador e um competidor portugueses estiveram a competir em Israel.

Para os participantes foi a realização de uma sessão, onde numa cidade muito especial que é dividida por Muro das Lamentações, Judeus e Cristãos e ao mesmo tempo competir em Taekwondo. Foram incluídos também os resultados obtidos em



Raul Cipriano

primeiro lugar em Seniores -58kg pelo atleta Rui Branquã, um nono lugar em Seniores -61kg pelo atleta Nuno Costa e um quinto lugar pela atleta feminina Ana Lopes na categoria -57kg. A nível colectivo foi ganha uma taça de colectivo-lugar pela equipa masculina.

O nosso desejo, enquanto treinador, é que este tipo de eventos funcione como modo de divulgação da modalidade nesta região ribatejana, onde já funciona uma classe que inclui Cadetes, Juniores e Seniores, estando abertas as inscrições para crianças dos 5 aos 12 anos.

## ATENÇÃO SÓCIOS DA ANS

### GABINETE DE PSICOLOGIA

Hoje em dia, procurar ajuda psicológica especializada faz parte do quotidiano de muitas pessoas, pelo que é perfeitamente natural que em algum momento da sua vida, necessite da ajuda de um profissional.

Nessa sentido o **Mestre Francisco Pereira** através um protocolo de cooperação entre o Gabinete de Psicologia e a ANS, nas **Áreas de Intervenção:**

Apoio e aconselhamento psicológico  
Acompanhamento Psicodidáctico  
Avaliação Psicológica  
Psico-oncologia  
Orientação vocacional e Profissional

20% Desconto para sócios da ANS e Familiares

Em Lisboa junto à saída do Metro em São Sebastião  
TM - 913 120 007

### Lista das empresas

com as quais

a ANS tem protocolos

### Videoclubes

● CINITEKA.COM

Praça das Nações, Av. do Mediceuense, L1, 1.02, 1-1-E  
1990-155 Lisboa

### Escapes para

Automóveis

● ENTOESCAPES, LDA  
Zona Industrial do Entroncamento, EN 3  
2330-909 Entroncamento

### Acessórios para

Automóveis

● GRACIAUTO  
Rua D. Nuno Álvares Pereira e  
Luís Filipe de Senhores, 30-A  
(Gareto)  
2330-141 Entroncamento

### Aventuras Submersas

● HALRUBIS

Av. Monsenhor Manuel Barros,  
Hotel Praia Norte  
2520-206 Peniche

### Psicólogo

● José de Oliveira Fernandes  
Cognitivos  
Rua João Pinto Ribeiro, L1, 2-  
18-C  
1800-253 Lisboa

### Centro Médico Dentário

● EUBIDENT  
Rua Professor Noronha Feio,  
12-A  
2995-Queijas

### Gabinete de Psicologia e

Apoio Educativo  
● QUEIRER SOBRRE  
Rua João Lourenço Pinto, 176 |  
4150-004 Porto

### Pneus para Automóveis

● SOLPNEUS  
Rua Álvaro Ferreira, 7 Zona  
Industrial St. Matos do Pinhal  
2855-981 Corroios

Informa-te junto da  
ANS



## VILA REAL HOMENAGEIA SARGENTOS

# Dívida de gratidão saldada

**N**o dia 5 de Outubro, por ocasião do 1.º Centenário da implantação da República, a Câmara Municipal de Vila Real decidiu homenagear os Sargentos do RI 13 em especial e os Sargentos de Portugal, pelo seu papel determinante na vitória Republicana que nos deu um pouco por todo o lado no comemorativa.

Por decisão da Câmara, em reunião realizada a 15 de Setembro, foi atribuída à Associação Nacional de Sargentos a Medalha de Ouro de Mérito Municipal.

Em cerimónia pública, à qual vários sargentos e dirigentes da ANS estiveram presentes, o Dr. Manuel Martins, presidente da Câmara Municipal de Vila Real, entregou a Medalha de Ouro de Mérito Municipal ao presidente da ANS, António Lima Coelho.

Após a entrega justificou as razões deste reconhecimento. "Celebrar a República é por um dosqta nacional de que Vila Real sabe muito alicar-se. Porque Vila Real é uma terra de grandes tradições republicanas. A ideia republicana estava aqui bem gravada. Desde o último quartel do séc. XIX, em honra de determinados e de fortes convicções. Esses homens muito contribuíam com a sua palavra, com a sua acção e com o seu exemplo para ganhar para a causa da República a parte maior da população."

Man adiante, na sua intervenção o Dr. Manuel Martins afirmou: "Por certo lado Vila Real ainda sabe muito facto justiça aos Sargentos do Regimento de Infantaria 13, que, como todos sabem, constituiram um dos mais sólidos estímulos do movimento de propagação dos ideais republicanos no concelho, à semelhança aliado do que aconteceu em muitas outras cidades e em muitos outros pontos militares."

Como se lê num dos livros antes apresentados (O 5 de Outubro em Vila Real - Antologia), esses sargentos serviram, como citamos, na preparação da revolução republicana, propagaram as ideias da República e defenderam a mesma implantada em 5 de Outubro de 1910, alguns deles já como oficiais, com as conseqüências que todos conhecemos, naturalmente ao lado de outros militares, como eles ao serviço do RI 13, por ocasião das incursões monárquicas, de Monarquia do Norte, da Revolta de 3 de Fevereiro de 1927, da Revolta de Madureira de 1931.

Ora, o papel desses militares vila-realenses ainda nunca tinha sido devidamente



reconhecido. A Câmara Municipal de Vila Real sabe hoje esta dívida de gratidão, atribuída a Medalha de Mérito Municipal. Graças Deuses, à Associação Nacional de Sargentos, como depositária da herança histórica da classe, pelos serviços prestados por esta à República e particularmente ao movimento que conduziu à sua implantação. Justiça que tardou, mas foi feita com este acto também carregado de simbolismo."

No final o presidente da ANS, António Lima Coelho, agradeceu tão honrosa e ilustre homenagem aos Sargentos de Portugal e embelezou o laivo e espírito republicanos dos Sargentos do RI 13 assim como o papel decisivo que os Sargentos da Bandeira tiveram na vitória republicana.

Lima Coelho referia, ainda, que a homenagem Vila-realense pode "abrir porta" à institucionalização oficial do Dia Nacional do Sargento. Salientou a importância deste acto para uma classe, que ao longo de vários anos tem



vinde a lutar pelo reconhecimento do importante papel dos Sargentos na história do país. Salientou que ainda setemos um pouco de xenofobia classista, mas considero que este é um

passo histórico no sentido de se vir a reconhecer aquilo que, há quase 120 anos atrás, os Sargentos iniciaram na Revolta do Porto em 31 de Janeiro de 1891. ▲

# 24 de Nov.

**Permanência nas  
Unidades em todo o País  
até às 19H00**

**PELA DEFESA  
DO  
SALÁRIO**